

RELIGIÃO E POBREZA NO URUGUAI: UM ENFOQUE QUANTITATIVO

Maria Victoria Sotelo Bovino
Universidad de La Republica / Uruguay
vsotelo@fcs.edu.uy

Resumo

Este artigo pretende refletir sociologicamente sobre o binômio religião - pobreza no Uruguai. Através da análise de dados quantitativos, tentar-se-á esclarecer os nexos que existem entre os diversos sistemas de crenças e as condições da pobreza da população. Nosso interesse é caracterizar o atual cenário de transformação religiosa - marcado pela emergência de novos movimentos religiosos (pentecostaismos e religiosidade afrobrasileira)- e a posição da Igreja Católica diante deste novo cenário.

Palavras-chave: Religião, pobreza, novos movimentos religiosos

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito analisar as possíveis causas da transformação religiosa que experimentou o Uruguai, dentro do contexto de mudança religiosa em evidência em toda América Latina e Caribe. Através da análise de dados quantitativos, intentar-se-á esclarecer os nexos que existem entre os diversos sistemas de crenças e as condições de pobreza da população.

Serão expostos alguns resultados de uma investigação intitulada: “Religiões alternativas no Uruguai”, no qual a autora participou¹, acrescidos de alguns avanços preliminares de minha atual dissertação de mestrado em sociologia: “Religion y pobreza em Uruguay” (Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República Oriental del Uruguay).

O FENÔMENO RELIGIOSO NO URUGUAI: BREVE HISTÓRICO

O Uruguai experimentou na prematura modernidade um forte

processo de secularização das mentalidades, dos costumes, das instituições e da educação, onde o laicismo teve um profundo enraizamento social. Neste processo, dois elementos tiveram um lugar primordial: a débil implantação do catolicismo no país, que remetia à época colonial; e o lugar das elites modernizadoras, que estiveram presentes previamente durante a consolidação do Estado moderno.

O processo secularizador no Uruguai se concentrou historicamente ao longo das seis décadas da primeira modernização capitalista (1860 e 1920). Neste período, existiu uma forte oposição entre Igreja e Estado, onde este passou a ocupar o espaço daquela, alcançando seu ponto mais alto nas primeiras décadas do século XX, com o chamado “primeiro batllismo”, onde definitivamente o estado relega o religioso à esfera privada. Entre as iniciativas tomadas por Batlle e y Ordoñez podemos mencionar a lei do divórcio, a remoção dos crucifixos dos hospitais, a supressão do ensino religioso nas escolas públicas, a substituição por decreto de festividades religiosas por laicas, etc.

Segundo Gerardo Caetano (2007), salta aos olhos o caráter radical, em vários aspectos, do conceito de laicidade imposto no país durante o

período referido. A adoção de posturas oficiais fortemente críticas a respeito da religião institucional hegemônica (a Igreja Católica), unida a uma transferência de sacralidade do religioso para o político, “*pouco a pouco derivou na conformação do que se convencionou chamar de **religião civil**, com simbologias e doutrinas alternativas, rituais e liturgias cívicas orientados a reforçar a identidade e a ordem social*” (Caetano, 2007:43).

Na opinião de Caetano, a privatização do religioso e a implantação de uma *religião civil laicizada* foram as marcas do processo de secularização uruguaio, que transcendeu o plano das relações entre Igreja e Estado (ou o dos vínculos entre religião, política e sociedade), “*para inscrever-se como perfil fundamental da mais vasta identidade cultural dos uruguaios*” (Caetano, 2007:44).

Contudo, se poderia afirmar que hoje existe certo grau de desencontro entre a imagem laica que apresenta o Uruguai e o progressivo incremento de novos movimentos religiosos. Tal paradoxo e suas possíveis repercussões na identidade religiosa supõem um

enorme atrativo para nossa curiosidade sociológica. Razões como estas nos motivam a explorar a nova realidade que nos impõem e recorrendo paralelamente àquelas teorias que melhor permitem compreender o fenômeno em questão.

OS NOVOS MOVIMENTOS RELIGIOSOS

O campo religioso atual na América Latina se caracteriza pela emergência de uma pluralidade de propostas religiosas que colocam em questão o monopólio exercido pelas igrejas tradicionais. Apesar de a Igreja Católica continuar sendo predominante na religião, ela tem perdido território diante da crescente conversão às religiões cristãs evangélicas, e por crenças de raízes indígenas e africanas.

De fato, a vida religiosa na América Latina se caracteriza pela diversidade. Mesmo que aproximadamente 70% dos residentes da região continuem afirmando que pertencem à Igreja Católica, o número de Protestantes tem crescido em quase todos os países nos últimos 30 anos. Vários especialistas têm argumentado que os Protestantes alcançam 30% da população da Guatemala e cerca de 20%

no Chile e Brasil (Fleet, 2001:343). Além disso, uma variedade de cultos espíritas, como a umbanda, candomblé, santería e vudú, entre outros, continuam florescendo na região. Nesse ínterim, a Igreja Católica compete na região com a influência dos Protestantes, dos Movimentos Espíritas, e com a crescente massa secularizada.

Esta forte reestruturação da oferta religiosa que experimenta a região e o mundo, também chega ao Uruguai obrigando a repensar os modelos teóricos e as categorias de análises (entre elas, os da secularização ou laicização) que são confrontados com situações não previstas.

É possível afirmar que desde os anos de 1980 a sociedade uruguaia tem experimentado um processo de crise do ethos laico-racionalista que a caracterizou historicamente, a qual conduziu à emergência de “novos movimentos religiosos”, ou, principalmente, das religiões afro-brasileiras e evangélicas pentecostais.

Para Rafael Bayce (1992), o auge de tais movimentos no Uruguai se deve, principalmente, ao fracasso do racionalismo liberal-iluminista do Estado Batllista em satisfazer as expectativas de bem-estar material e de

justiça social, e por outro lado à incapacidade das religiões tradicionais – que se reduziam a um catolicismo muito debilitado pelo positivismo anticlerical batllista – para prover consolo e esperança críveis.

O mencionado autor, baseado na teoria da racionalização de Max Weber, sustenta que o espaço ganhado progressivamente pela ciência na explicação do mundo não tem sido devolvido à religião, e esta só pode oferecer progresso material e consolo espiritual a partir da irracionalidade. As religiões universais clássicas, adaptadas ao processo de racionalização (monoteísmo, erradicação de componentes mágicos, sistematização de dogmas e rituais e redução de ambigüidades a princípios únicos) são insuficientemente racionais para competir com a ciência, mas demasiado racionais para outorgar as urgentes respostas simbólicas e materiais exigidas pela modernidade (Bayce, 1992).

Dado que a razão instrumental não logrou cumprir a promessa iluminista-positivista de promover uma organização cada vez mais justa e eficiente da sociedade, a religião volta à cena através destes novos movimentos

religiosos, mas não compatibilizando fé e razão, como fizeram as religiões tradicionais, ao contrário, opondo-se à razão. As pessoas que não podem satisfazer suas necessidades materiais e emocionais por meios instrumentais racionais na quantidade, qualidade e tempo esperado, se voltam para religiões “neomágicas”, onde o ritual, o culto e a oferenda “*são meios para a obtenção de bens cotidianos concretos, em matéria afetiva, sentimental, sanitária e econômica*” (Bayce, 1992).

Outras características destes novos movimentos religiosos no Uruguai ressaltam o predomínio da socialização secundária no lugar da primária: a integração a um movimento religioso se dá pela decisão pessoal, não por transmissão. “*São os próprios sujeitos que vão definindo, em contextos e situações particulares de sua vida, as pertencas e/ou adesões a determinadas religiões*” (FILARDO, 2005:11). Ao modo de uma “trajetória religiosa”, os indivíduos vão recorrendo a diferentes religiões ao longo de sua vida (as quais podem inclusive sobrepor-se), de acordo com suas necessidades. Outra característica: flexibilidades doutrinal e social, também denominada “crença sem pertença”. Mesmo encontrando

pessoas autoidentificadas com a determinada tradição religiosa, apresentam, contudo, distâncias de sua prática concreta da religião, com os conteúdos centrais e até mesmo sociais.

Por outro lado, cabe assinalar que os novos movimentos religiosos não são alheios ao fenômeno da globalização que caracteriza as sociedades atuais, já que os mesmos se expandem de seu país de origem para outros, adquirindo especificidades locais. Neste contexto global, a América Latina está imersa em dois processos simultâneos: por um lado recebe crenças exógenas, e por outro lado, produz e exporta suas próprias práticas religiosas a outros continentes. Dito fenômeno de transferências religiosas se deve principalmente ao auge da tecnologia e dos meios de comunicação de massa, atingido no final do século XX. Segundo Jean-Pierre Bastian (1997:85) *“se está passando de uma economia religiosa de monopólio a uma economia religiosa de livre competência e a uma regulação do campo religioso”*.

No Uruguai, a emergência de novos movimentos religiosos começa a sentir-se com a reabertura democrática. O primeiro signo visível é a presença de

cultos afrobrasileiros que ingressam no país pela fronteira brasileira, e que começam a celebrar festividades públicas (aos dias 2 de fevereiro) nas praias montevidéanas. O segundo signo visível é a emergência de religiões pentecostais através da instalação de templos nas antigas salas de cinema ou teatro do centro da capital uruguaia e principalmente nos bairros mais carentes. Tal panorama de mudanças na esfera religiosa surpreende a Igreja Católica e a obriga a repensar sua posição e função dentro da sociedade uruguaia.

A IGREJA CATÓLICA

No Uruguai, diferentemente de outras sociedades latinoamericanas, a Igreja Católica não teve historicamente um grande peso institucional e social. Como explica Nestor da Costa, o “ser católico” não é parte da construção identitária do Uruguai, que é uma sociedade que se reconhece como secularizada, laica (DA COSTA, 199:139).

Não obstante, como temos analisado anteriormente, a Igreja Católica continua sendo predominante no Uruguai, apesar de atualmente se

encontrar diminuída por uma proliferação de cultos pentecostais e também pela religiosidade afrobrasileira.

Para analisar a Igreja Católica, tem-se que levar em conta que se trata de um espaço plural, onde convivem múltiplos catolicismos. Na opinião de Fortunato Mallimacci (1996), devemos ter em conta três tipos de catolicismos na época contemporânea: “catolicismo de certezas”; “catolicismo emocional”; e” catolicismo do testemunho e dos excluídos”.

O catolicismo de certezas pretende ser uma alternativa católica ao espírito do tempo para todos os grupos sociais, onde o corpo eclesástico procura integrar, em um único projeto religioso, o social, o econômico e o cultural. No segundo tipo de catolicismo, aparecem como centrais o emocional e o afetivo, dando também sentido ao corpo (um exemplo são os movimentos de renovação carismática). No último tipo, se destaca o desenvolvimento de organizações na sociedade civil como novos espaços de justiça e religiosidade.

No Uruguai, segundo Da Costa, o último tipo de catolicismo, o caracterizado pela ênfase nos mais

excluídos, é o hegemônico. Não obstante, para o autor, tal catolicismo possui “*uma continuidade inercial e propostas por ensaio e erro*” (Da Costa, 1996:140). Nesse sentido, segundo Da Costa, as respostas e ações pastorais que os distintos espaços católicos intentam desenrolar diante das profundas mudanças de sociedade, possuem, por um lado, um alto conteúdo de modelos do passado (anos 60 e 70), e, por outro, um toque pessoal de quem se encontra à frente e de sua maneira pessoal de posicionar-se às novas adversidades.

OS PENTECOSTALISMOS

As igrejas pentecostais ingressaram no Uruguai na década de 1970, fundamentalmente a partir do Brasil e Argentina, mas começaram a ter relevo e visibilidade pública na década de 1980/90 (Da Costa, 2003:77). Tais igrejas se caracterizam por estarem compostas por líderes carismáticos que presidem cerimônias de grau de conteúdo expressivo e emocional, através da música, rituais de exorcismos e salvação, e discursos comoventes que envolvem uma participação ativa do público presente. Por sua vez, se destacam por um uso dos meios

massivos de comunicação e por se encontrarem estruturados empresarialmente, com uma ampla circulação de dinheiro.

Alguns dos fiéis que assistem a esses cultos provêm de outras religiões e pertencem a grupos sociais menos favorecidas, sendo atraídos por um discurso religioso que lhes propõem soluções espirituais para seus problemas cotidianos. Segundo Bastian “*o pentecostalismo como religião do pobre é uma expressão de uma consciência fragmentada que busca encontrar sentido para a marginalização que se fala*” (Bastian, 1997:143).

Bastian distingue quatro traços dentro do pentecostalismo: uma teologia oral, uma fala glossolálica, uma ação traumatúrgica e uma prática exorcística. A teologia oral supõe a prevalência de um discurso oral não sistematizado sobre o estudo e a leitura crítica dos textos sagrados, que supõe uma quebra da tradição religiosa cristã. Em relação à fala glossolálica, constituída pelo fenômeno do “falar em línguas”, destacam-se dois tipos: a glossolalia e a xenoglossia. A primeira é a mais comum e se caracteriza pela emissão de sons ininteligíveis que não formam parte de nenhuma língua; a segunda é a

experiência de falar ininteligivelmente uma língua que é desconhecida por quem a emite (Zalpa, 2003:113). A ação traumatúrgica, por outro lado, consiste na salvação física através de milagres, o que a inscreve “*na prolongada permanência das tradições precolombianas e afroamericanas, que pousa o acento sobre o caráter mágico*” (Bastian, 1997: 145). Por último, a prática exorcística, que supõe a expulsão dos demônios incorporados em crentes, através da “imposição das mãos” dos pastores.

Na opinião de Ari Pedro Oro (2003), as controvérsias que o pentecostalismo provoca na imprensa e nos meios acadêmicos e religiosos, deriva de sua capacidade de romper consensos mais ou menos estabelecidos. O tema da economia e, mais especificamente, a importância atribuída ao dinheiro pela maioria das igrejas pentecostais, é por certo, o mais controvertido. Enquanto outras religiões mantêm uma relação esquiva com o dinheiro, as igrejas pentecostais assumem um interesse por ele, o reservam sentidos positivos, constatando-se uma ampla circulação monetária em seus templos. Se historicamente o dinheiro foi concebido

por outras religiões como algo impuro, como cristalização do mal e dos vícios, nos pentecostalismos o mesmo é um símbolo da fé que o fiel deposita em seu Deus, onde prevalece a crença de que a graça esperada guarda relação com a quantia ofertada.

A ênfase posta na magia por parte do pentecostalismo é outro ponto que suscita controvérsias. Neste tipo de manifestação religiosa, a magia é utilizada para resolver problemas da sociedade moderna, sobretudo os que atormentam as pessoas no campo econômico, afetivo, psicológico e terapêutico. É uma forma de proceder quando se concebe o religioso como plano fundante do real, quando se atribui a Deus todo o bem que acontece na vida cotidiana, e quando, frente às contrariedades, se interroga a ação do demônio. Guiando-se a partir da dicotomia bem/mal – Deus/ demônio, os crentes não se sentem responsáveis por grande parte de suas ações, assumindo uma atitude passiva, no sentido de que boa parte de sua vida – quando não toda – se encontra governada por forças que os transcendem.

OS CULTOS AFROBRASILEIROS

O desenvolvimento no Uruguai dos cultos de possessão vindos do Brasil é um fenômeno que data da década de 1960 e que continua seu crescimento nas décadas posteriores. Segundo explica Renzo Pi Hugarte (1998) “*nos momentos iniciais deste processo se produziram mudanças na estrutura socioeconômica do país que acentuaram a pauperização dos setores populares; facilitando o surgimento e amplificação de sentimentos coletivos de frustração e desesperança, o que sem dúvida propiciava a conversão a cultos cujos sistemas de crenças e cujas práticas apontavam para soluções individuais de consolo imediatista: a isso agrega-se o efeito catártico de cerimônias às quais a possessão cumpriu um papel central.*”

Quando aludimos a cultos de possessão, nos referimos à Umbanda (Branca e Cruzada), a Quimbanda, Batuque e o Candomblé, tendo este último uma presença menor. Entretanto, os fiéis percebem todas estas práticas como parte de uma mesma religião. Às vezes se inclui também dentro desta mesma cosmovisão religiosa o espiritismo kardecista, que possui um limitado desenvolvimento no Uruguai. Nesse ínterim, se evidencia que o

elemento comum de todas estas práticas é o fenômeno da possessão.

AS PERGUNTAS DA INVESTIGAÇÃO

- Como se expressa a transformação religiosa no Uruguai?
- A mudança religiosa no Uruguai guarda relação com o aumento da pobreza?
- Que inter-relação existe entre a esfera econômica e a esfera religiosa?
- É possível afirmar que há uma segmentação socioeconômica no interior das diversas religiões?
- Existe uma religiosidade característica de extratos baixos?

AS HIPÓTESES

- O Uruguai tem perdido o ethos laico-racionalista que o distinguia de outras culturas do continente.
- Se evidencia a emergência de “novos movimentos religiosos”

e um declive das religiões tradicionais.

- Existe uma segmentação socioeconômica no interior das distintas religiões; há religiões de ricos e religiões de pobres.
- O auge dos novos movimentos religiosos na América Latina e Caribe possui relação com o crescimento da pobreza.
- Os novos movimentos religiosos têm a aptidão para satisfazer as necessidades cotidianas dos extratos mais desfavorecidos, e a eles devem seu auge.

DA METODOLOGIA

Os dados analisados são tomados da fase quantitativa de minha dissertação de mestrado. Para caracterizar o sentimento religioso dos uruguaios em nível quantitativo, utilizaremos dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), organismo que inclui desde o ano de 2006, em sua Encuesta Continua de Hogares (ECH) ², o tópico da religião.

No que se refere ao tema da religião, a pergunta formulada à população na ECH foi a seguinte:

“Como você se definiria do ponto de vista religioso?”, proporcionado ao respondente as opções: católico, cristão não-católico, judeu, umbandista ou outro afroamericano, crente em Deus sem confissão, ateu ou agnóstico, ou outro. Esta variável abre oportunidade ao cientista social de explorar o sentimento religioso segundo distintas variáveis sociodemográficas, tarefa que empreenderemos nas páginas seguintes.

No ano de 2006, o tamanho da amostra alcançou 87.228 domicílios (7.269 domicílios por mês), sendo 35% em Montevideu, 3% na periferia, 31% no interior urbano (localidades de 5.000 habitantes ou mais), 12% em localidades de menos de 5.000 e 19% nas zonas rurais. Esta amostra compreende aproximadamente 259.000 pessoas.

No ano de 2007, se seguiu o mesmo desenho amostral do ano de 2006, mas se obteve uma amostra menor, compreendendo 140.000 pessoas aproximadamente.

Em seguida, se apresentará os dados expandidos para o território nacional, tomando em alguns casos as pessoas como unidade de análise: em alguns poucos casos, tomaremos como unidade de análise os domicílios.

A EXPRESSÃO DA MUDANÇA RELIGIOSA NO URUGUAI

Segundo dados da ECH do ano de 2007, 84,9% dos uruguaios crêem em Deus, enquanto que 15,1% se definem como ateus.

Quadro nº 1 – Crença em Deus, Total País, Ano 2007.

Religião (Total País)	Frequência	%
Ateu ou agnóstico	452.116	15,1
Crente	2.541.546	84,9
Total	2.993.662	100,0

Fonte: Banco de Dados da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República/Uruguai - Pesquisa Contínua de Domicílios do Instituto Nacional de Estatística 2007, Uruguai.

Entre a população crente uruguaia, vale assinalar que 45,1% se definem como católicos, 10,5% como cristãos não-católicos, 0,7% como umbandistas ou outra religião afroamericana, 0,4% como judeus, 0,4% como outro tipo de religião (budista, espírita, muçulmana, deísta, islâmica, panteísta), assim como também encontramos 27,8% que se definem crentes em Deus, mas sem confissão. Este último dado dá conta de um traço característico de nossa sociedade: o “crer sem pertencer”, que cada vez encontra um maior número de adeptos.

A leitura que podemos realizar nesse sentido é que a religião católica e cristã não-católica ostenta o maior número de crentes em nosso país, já que têm sido também as que historicamente têm tido o predomínio. O segundo lugar é ocupado pelos que se identificam como crentes em Deus, mas sem confissão.

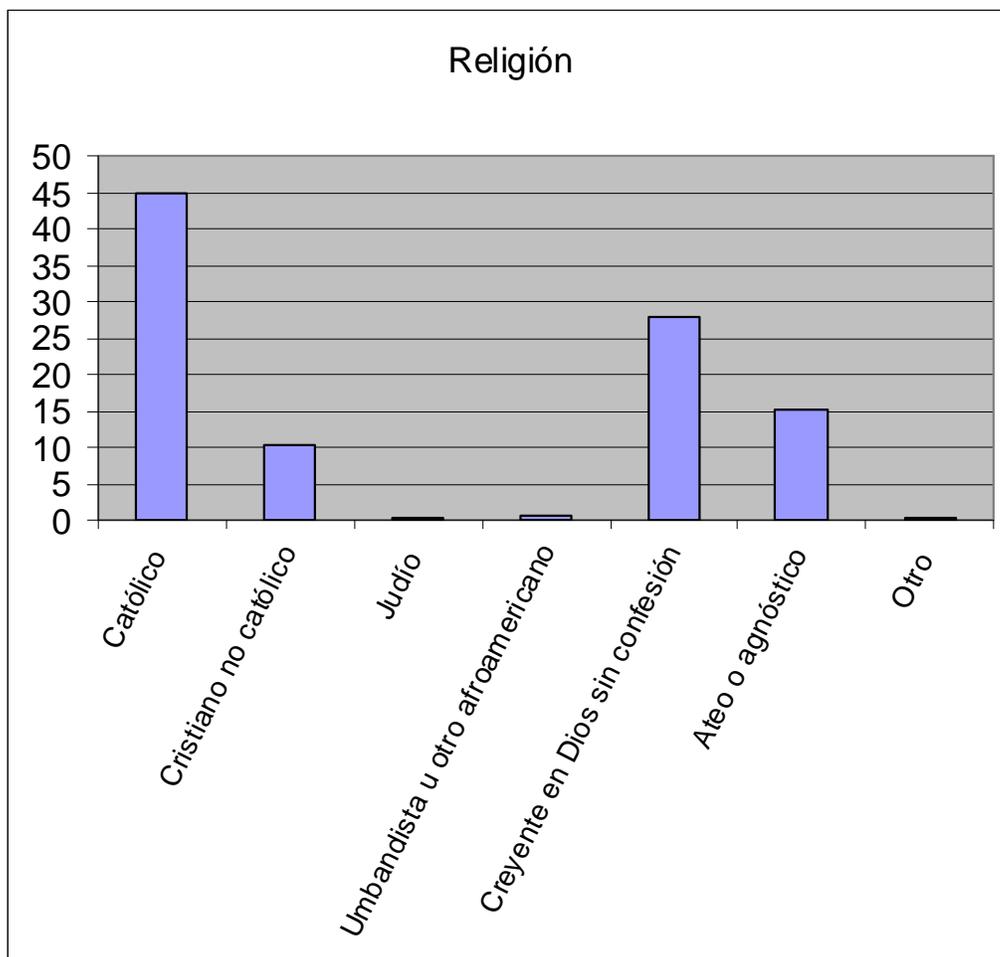
Por outro lado, se definem como ateus 15,1% da população, percentual muito alto se levamos em conta os guarismos da região.

Quadro n°2 – Definição Religiosa, Total País, Ano 2007.

Religião (Total País)	Frequência	%
Católico	1.351.573	45,1
Cristão não-católico	315.721	10,5
Judeu	11.940	0,4
Umbandista ou outro afroamericano	19.757	0,7
Crete em Deus sem confissão	831.800	27,8
Ateu ou agnóstico	452.116	15,1
Outro	10.755	0,4
Total	2.993.662	100,0

Fonte: Banco de Dados da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República/Uruguai - Pesquisa Contínua de Domicílios do Instituto Nacional de Estatística 2007, Uruguai.

Figura n°1: Filiação Religiosa, Ano 2007.



No Quadro 3 (religião/sexo), podemos observar que há um maior percentual de mulheres crentes. Entre os católicos, 40,8% são homens e 59,2% mulheres; entre os cristãos não-católicos são 41,2% do sexo feminino e 58,8% do sexo masculino; esta relação se encontra presente de maneira similar entre judeus (44,3% de homens e 55,7% de mulheres) e umbandistas (40,5% de homens e 59,5% de mulheres). Por outro lado, se observarmos as

porcentagens de ateus ou agnósticos, é preciso ressaltar que aqui a relação se inverte, já que 62,45% de homens e 37,6% de mulheres indicam um menor interesse da população masculina pela religião.

Dentro dos que se autodefinem como “crentes em Deus sem confissão” não há uma predominância considerável de um sexo sobre outro. Não obstante, vale assinalar que, tal como no

segmento ateu agnóstico, os homens são maioria (50,2%).

Quadro n° 3 – Definição religiosa segundo sexo, Ano 2007.

			RELIGIÃO							Total
			Católico	Cristão não-católico	Judeu	Umbandista ou outro afroamericano	Crente em Deus sem confissão	Ateu ou agnóstico	Outro	
SEXO	Homem	Freq.	551.475	130.153	5.294	8.011	417.296	282.086	5.434	1.399.749
		%	40,8%	41,2%	44,3%	40,5%	50,2%	62,4%	50,5%	46,8%
	Mulher	Freq.	800.098	185.568	6.646	11.746	414.504	170.030	5.322	1.593.914
		%	59,2%	58,8%	55,7%	59,5%	49,8%	37,6%	49,5%	53,2%
Total		Freq.	1.351.573	315.721	11.940	19.757	831.800	452.116	10.756	2.993.663
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de Dados da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República/Uruguai - Pesquisa Contínua de Domicílios do Instituto Nacional de Estatística 2007, Uruguai.

No quadro n°4, se expõe a filiação religiosa segundo grupos de idades. A esse respeito, podemos afirmar que a religião judia é a que possui a mais alta porcentagem entre adultos (65 anos ou mais), alcançando 22,1%. Em seguida, nessa faixa etária, segue a religião católica, com 20,4%, e as denominadas “outras religiões”, que agrupam 17,2%. Os cristãos não-católicos possuem 14,55% dessa faixa etária e os umbandistas ou outro afroamericano somente 4,5%. A maioria dos adeptos das religiões afro (39,3%) se encontra

entre uruguaios de 26 a 45 anos, possuindo também um percentual entre os de 16 a 25 anos (16,9%) – nessa faixa etária, as religiões afroamericanas superam as outras em pertença. Estes dados nos habilitam a afirmar que as religiões afro podem ser consideradas religiões de populações jovens, tratando-se de um fenômeno recente adaptado pelas novas gerações no Uruguai.

Nesse íterim, podemos afirmar que os ateus ou agnósticos se concentram mais entre jovens dentre 16

a 25 anos (21,75%) e 26 a 45 anos (31,5%). Isso indica que o grau de rejeição religiosa é maior quando a

população é jovem, decrescendo conforme aumenta a idade.

Quadro nº4 – Definição religiosa segundo grupo de idades, Ano 2007.

Grupo de idades		Religião							Total
		Católico	Cristão não-católico	Judeu	Umbandista ou outro afroamericano	Crente em Deus sem confissão	Ateu ou agnóstico	Outro	
de 7 a 15	%	15,1%	20,6%	11,9%	14,0%	18,7%	16,7%	11,1%	16,9%
16 a 25	%	13,9%	14,6%	14,6%	16,9%	17,0%	21,7%	11,1%	16,0%
26 a 45	%	26,2%	28,1%	26,4%	39,3%	29,9%	31,5%	33,3%	28,3%
46 a 64	%	24,4%	22,1%	25,0%	25,2%	21,6%	20,3%	27,4%	22,8%
65 e mais	%	20,4%	14,5%	22,1%	4,5%	12,8%	9,9%	17,2%	16,0%
Total	Freq.	1.351.572	315.720	11.939	19.757	831.799	452.116	10.755	2.993.658
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de Dados da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República/Uruguai - Pesquisa Contínua de Domicílios do Instituto Nacional de Estatística 2007, Uruguai.

No quadro nº5, podemos observar que a crença em Deus aumenta junto com a idade. Se reagruparmos algumas faixas etárias, podemos afirmar que 40,2% dos

crentes em Deus têm mais de 46 anos, e 53,2% dos ateus ou agnósticos se encontram na faixa etária de 16 a 45 anos.

Quadro n°5 – Crença em Deus segundo grupo de idades, Ano 2007.

Faixa etária		Crença em Deus		
		Ateu ou agnóstico	Crete em Deus	Total
de 7 a 15	%	16,7%	16,9%	16,9%
16 a 25	%	21,7%	15,0%	16,0%
26 a 45	%	31,5%	27,8%	28,3%
46 e mais	%	20,3%	23,2%	22,8%
65 e mais	%	9,9%	17,0%	16,0%
Total	Freq.	452.116	2.541.542	2.993.658
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de Dados da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República/Uruguai - Pesquisa Contínua de Domicílios do Instituto Nacional de Estatística 2007, Uruguai.

Para analisar a filiação religiosa segundo a ascendência (etnia e/ou raça) dos uruguaios, tomaremos a ECH de 2006, pois é mais apropriada pelo ponto de vista estatístico por apresentar um maior número de casos.

No quadro n°6, se expõe a definição religiosa segundo ascendência. Dentro da população que se define como católica, 91,0% têm ascendência branca, 6,9% de ascendência mista, 1,6% de ascendência afro ou negra, 0,4% indígena, e 0,1% amarela.

Dentro da população que se define como judia, a porcentagem de

população de ascendência branca é maior que os católicos (98,0%), sendo a religião que possui o maior percentual de pessoas de raça branca. Tal porcentagem supera em 10 pontos o nacional (88,02%). Somente 1,7% dos judeus têm ascendência mista, e 0,3% é de origem indígena.

Dentro dos cristãos não-católicos, encontramos um percentual consideravelmente menor de pessoas de ascendência branca (82,7%). Em segundo lugar, encontramos 12,9% de ascendência mista, 3,1% de ascendência afro ou negra, 0,7% amarela e por último, 0,6% indígena.

Quadro n°6 – Definição religiosa segundo ascendência, Ano 2006

Ascendência		Religião							Total
		Católico	Cristão não-católico	Judeu	Umbandista/afro americano	Crente sem confissão	Ateu ou agnóstico/agnóstico	Outro	
Afro ou negra	Freq.	22.580	9.238	0	2.051	16.170	9.387	295	59.721
	%	1,6%	3,1%	0,0%	10,8%	2,0%	2,0%	3,2%	2,0%
Amarela	Cont	1.086	2.137	0	15	502	358	97	4.195
	% com religião	0,1%	0,7%	0,0%	0,1%	0,1%	0,1%	1,0%	0,1%
Branca	Cont	1.248.269	248.235	12.081	12.100	692.085	412.411	7.381	2.632.562
	% com religião	91,0%	82,7%	98,0%	63,8%	86,3%	88,0%	79,6%	88,2%
Indígena	Cont	4.840	1.860	36	265	3.468	2.704	117	13.290
	% com religião	0,4%	0,6%	0,3%	1,4%	0,4%	0,6%	1,3%	0,4%
Outro	Cont	107	0	0	0	46	0	37	190
	% com religião	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%
Mista	Cont	95.063	38.756	206	4.529	89.914	43.809	1.344	273.621
	% com religião	6,9%	12,9%	1,7%	23,9%	11,2%	9,3%	14,5%	9,2%
Total	Cont	1.371.945	300.226	12.323	18.960	802.185	468.669	9.271	2.983.579
	% com religião	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de Dados da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República/Uruguai - Pesquisa Contínua de Domicílios do Instituto Nacional de Estatística 2007, Uruguai.

Na religião umbandista ou outra afroamericana, encontramos 10,8% de fiéis com ascendência afro ou negra. Tomando em conta as porcentagens nas demais religiões, é possível assinalar

que existe uma importante filiação de pessoas de origem afro dentro da religião umbandista ou afroamericana. Dentro desta religião encontramos 63,8% de pessoas de raça branca, -

porcentagem amplamente menor que nas restantes religiões -, 23,9% de raça mista, 1,4% de indígenas, sendo estes últimos mais altos dentro de todas as religiões.

A partir destes dados, podemos afirmar que as religiões afroamericanas apresentam uma maior presença de pessoas de ascendência afro, mista e indígena, em comparação com as restantes religiões (católicos, cristãos não-católicos, judeus e outras religiões).

Vale ressaltar que as pessoas que se autoclassificam como ateus ou agnósticos ou crentes em Deus sem

confissão, tem características raciais similares à porcentagem nacional.

Entre os crentes em Deus sem confissão, 86,3% possuem ascendência branca, 11,2% mista, 2,0% afro, 0,4% indígena, 0,1% amarela.

Em relação aos ateus ou agnósticos, 88,0% têm ascendência branca, 9,3% mista, 2,0% afro, 0,6% indígena e 0,1% amarela.

No que tange à relação entre filiação religiosa e nível escolar (medido a partir de pessoas com mais de 27 anos), encontramos o seguinte cenário (Quadro nº7):

Quadro Nº 7 – Religião segundo nível educativo (maiores de 27 anos), 2007

			RELIGIÃO							Total
			Católico	Cristão não-católico	Judeu	Umbandista ou outro afroamericano	Crente em Deus sem confissão	Ateu ou agnóstico	Outro	
Nível Educativo	Sem instrução	%	1,5%	2,2%	0,2%	1,0%	2,0%	1,2%	1,1%	1,7%
	Educação primária	%	38,5%	44,8%	8,8%	40,0%	44,6%	25,5%	13,0%	38,7%
	Ciclo básico média	%	19,7%	21,7%	7,6%	31,3%	22,2%	20,7%	13,2%	20,7%
	Bacharelado	%	23,2%	19,0%	30,6%	23,3%	19,4%	25,0%	31,4%	22,1%
	Terciário	%	17,0%	12,4%	52,7%	4,5%	11,8%	27,5%	41,2%	16,8%
Total		Frec.	1.009.362	216.849	9.284	14.910	573.274	304.832	8.679	2.137.190
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de Dados da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República/Uruguai - Pesquisa Contínua de Domicílios do Instituto Nacional de Estatística 2007, Uruguai.

Podemos observar que os judeus são os que possuem maior nível escolar. Mais da metade desses (52,7%) possui um nível escolar terciário, 30,6% possuem o bacharelado e 7,6% detêm ciclo básico; 8,8% têm educação primária e somente 0,2% não possui instrução escolar.

Os católicos, ao contrário dos judeus, apresentam um percentual sensivelmente menor de fiéis com nível máximo de escolarização (17,0%), 23,2% detêm o bacharelado, 19,7% o ciclo básico, 38,5% formação primária e 1,55% não possui instrução. O nível escolar alcançado pelos católicos se aproxima consideravelmente dos percentuais nacionais.

Entre os cristãos não-católicos e umbandistas ou afroamericanos, encontramos menores porcentagens de fiéis dentro dos níveis mais altos de instrução, e maiores porcentagens dentro dos níveis inferiores de instrução.

Em relação aos cristãos não-católicos, 12,4% alcançam o nível terciário de escolarização, 19,0% o bacharelado, 21,7% o ciclo básico,

44,8% a formação primária e 2,2% não possuem instrução.

A religião umbandista ou afroamericana é a que possui a menor porcentagem de fiéis no nível escolar mais alto. Apenas 4,5% dos umbandistas ou afroamericanos possuem o nível terciário, o maior percentual de fiéis desta religião se concentra nos níveis de educação primária (40,0%) e ciclo básico de educação secundária (31,3%).

Nesse íterim, encontramos 27,5% dos ateus ou agnósticos com escolaridade terciária, 25% com bacharelado, 20,7% com ciclo básico, 25,5% com primário e 1,2% sem instrução escolar. Se levarmos em conta a religião católica, umbandista ou cristã não-católica, vemos que, em contraste, os ateus ou agnósticos apresentam um alto percentual de pessoas com nível terciário de educação.

Em relação aos crentes em Deus sem confissão, 11,8% possuem nível terciário, 19,4% bacharelado, 22,2% ciclo básico, 44,6% primária e 2,0% não possuem formação escolar.

Dentre os que se declaram como adeptos de “outras” religiões, encontramos 41,2% de pessoas com nível terciário, 31,4% com bacharelado, 13,2% com ciclo básico, 13,0% primário, e 1,1% sem formação escolar. Nesse sentido, é possível afirmar que os

adeptos dessa categoria são pessoas de alto nível escolar.

No quadro seguinte (nº8), analisaremos a filiação religiosa segundo o nível socioeconômico do domicílio (se utiliza o índice socioeconômico construído por Danilo Veiga).

Quadro Nº 8 – Definição religiosa segundo nível socioeconômico, ano 2007

		RELIGIÃO							Total
		Católico	Cristão não-católico	Judeu	Umbandista ou outro afroamericano	Crete em Deus sem confissão	Ateu ou agnóstico	Outro	
Nível Socioeconômico	Muito Baixo	13,5%	25,4%	0,4%	27,3%	23,0%	13,6%	3,8%	17,4%
	Baixo	24,0%	29,1%	3,1%	31,0%	27,9%	19,0%	12,7%	24,8%
	Médio	31,9%	27,7%	12,7%	33,5%	29,0%	29,6%	30,9%	30,2%
	Alto	16,1%	9,9%	22,4%	6,2%	11,5%	17,5%	23,8%	14,4%
	Muito alto	14,5%	8,0%	61,3%	1,9%	8,5%	20,2%	28,9%	13,2%
	Freq.	1.336.012	311.377	11.802	19.477	821.055	448.345	10.697	2.958.765
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de Dados da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República/Uruguai - Pesquisa Contínua de Domicílios do Instituto Nacional de Estatística 2007, Uruguai.

As cifras do Quadro nº8 indicam que as religiões Umbandistas e cristã não-católicas são as que possuem maior percentual de fiéis com um índice socioeconômico muito baixo.

No caso das religiões umbandistas ou afroamericanas, 27,3%

de seus fiéis possui um nível socioeconômico muito baixo; 31,0% possui nível baixo; 33,55 nível médio; 6,2% nível alto; somente 1,9% nível socioeconômico muito alto. Observando os dados, é possível afirmar que mais da metade dos fiéis aderentes às religiões

afroamericanas (58,3%) possui nível socioeconômico muito baixo ou baixo.

No que se refere aos adeptos das religiões cristãs não-católicas, é possível afirmar que 25,4% de seus fiéis possuem nível socioeconômico muito baixo; 29,1% possuem nível baixo; 27,7% nível médio; 9,9% nível alto; e somente 8,0% nível socioeconômico muito alto. Se agruparmos estes dois níveis socioeconômicos mais baixos, estaremos em condições de afirmar que, tal como ocorre com as religiões afroamericanas, mais da metade dos fiéis cristãos não-católicos (54,5%) possui um nível socioeconômico baixo ou muito baixo.

Dentro da população que é crente em Deus, mas sem confissão, 23,0% possuem um nível socioeconômico muito baixo, 27,9% possuem nível baixo, 29,0% nível médio, 11,5% alto e 8,5% muito alto.

Entre os católicos, encontramos uma maior porcentagem de fiéis com nível socioeconômico médio (31,9%). Além disso, 24,0% possuem nível baixo e 13,5% nível muito baixo. Dentro do nível socioeconômico alto, encontramos 16,1% dos católicos, e no nível muito alto 14,5%. Se agruparmos os níveis mais altos, encontraremos 30,6% de

católicos no nível alto e muito alto. No outro extremo, podemos afirmar que 37,5% possuem nível baixo ou muito baixo. Se observarmos a última coluna do quadro nº8 (a correspondente total), vale afirmar que a religião católica possui uma distribuição de seus fiéis por nível socioeconômico similar ao que apresenta a população total do país.

Já os judeus, podemos afirmar que possuem a mais alta porcentagem de fiéis nos níveis socioeconômicos mais altos, se tomarmos em conta todas as religiões, 61,3% dos judeus possuem um nível socioeconômico muito alto e 22,4% nível alto. Dentro do nível socioeconômico médio, encontramos 12,0% dos judeus. Em síntese, 83,7% dos judeus possuem nível socioeconômico alto ou muito alto, enquanto que, em seu extremo, somente 3,5% possuem nível baixo ou muito baixo.

O quadro nº8 chega a interessantes resultados para compreender nosso objeto de estudo. Através da interpretação dos dados, podemos afirmar que adeptos da religião judaica e católica apresentam um melhor nível socioeconômico que os adeptos das religiões afro e cristão não-católicas.

Contundentemente, poderíamos afirmar que a religião judaica é uma religião de ricos, enquanto que as religiões afro e cristãs não-católicas são religiões de pobres.

Entres os ateus ou agnósticos podemos afirmar que 20,2% têm nível socioeconômico muito alto, 17,5% nível alto, 29,6% nível médio, 19,0% nível baixo e 13,6% nível muito baixo. Dentre os crentes em Deus sem confissão, vale ressaltar que existe um alto percentual de fiéis que possui nível socioeconômico muito baixo (23,0%), 27,9% baixo, 29% médio, 11,5% alto e 8,5% muito alto.

Ao contrário do que acontece aos crentes em Deus sem confissão, entre os adeptos a outras religiões, se observa que existe uma importante concentração de pessoas dentro dos

níveis socioeconômicos altos e baixa concentração nos níveis baixos. Nesse sentido, 28,9% das pessoas aderentes à opção “outras” possuem nível socioeconômico muito alto, 23,8% nível alto, 30,9% nível médio, 12,7% nível baixo e apenas 3,8% nível muito baixo.

Seguindo com a análise da opção religiosa em função do nível econômico, o quadro nº9 apresenta o percentual de pessoas que se encontram em situação de pobreza segundo cada opção religiosa.

Quadro N° 9 – Definição religiosa segundo situação de pobreza, ano 2007

POBREZA (met. 2002)		RELIGIÃO							Total
		Católico	Cristão não católico	Judeu	Umbandista ou outro afroamericano	Crente em Deus sem confissão	Ateu ou agnóstico	Outro	
Pobre	Freq.	244.187	109.000	137	9.588	253.839	99.675	698	717.124
	%	18,1%	34,5%	1,1%	48,5%	30,5%	22,0%	6,5%	24,0%
Não-pobre	Freq.	1.107.386	206.699	11.802	10.169	577.874	352.442	10.057	2.276.429
	%	81,9%	65,5%	98,9%	51,5%	69,5%	78,0%	93,5%	76,0%
Total	Freq.	1.351.573	315.699	11.939	19.757	831.713	452.117	10.755	2.993.553
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de Dados da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República/Uruguai - Pesquisa Contínua de Domicílios do Instituto Nacional de Estatística 2007, Uruguai.

Segundo ilustra o Quadro n°9, utilizando a metodologia de cálculo de pobreza do ano de 2002 do INE, quase metade (48,5%) dos umbandistas ou adeptos às religiões afroamericanas é pobre, enquanto que 51,5% não o são. Dentre os cristãos não católicos 34,5% são pobres, enquanto que 65,5% não são.

Em contraste, apenas 1,1% dos judeus são pobres, enquanto que 98,9% não são. Dentre os católicos, 18,1% são pobres e 81,9% não.

Por outro lado, os ateus ou agnósticos pobres alcançam 22%,

enquanto que os ateus ou agnósticos não-pobres constituem 78%.

Esse cenário analisado reforça as conclusões levantadas a partir do quadro n°8. As religiões afroamericanas concentram os fiéis menos favorecidos economicamente, seguidos pelos adeptos das religiões cristãs não-católicas. Contrariamente, os judeus e católicos possuem um alto percentual de pessoas não-pobres.

Entre os crentes em Deus sem confissão, existe um predomínio de pessoas não-pobres (69,5%) e um percentual inferior de pessoas pobres (30,5%).

Nas “outras religiões”, encontramos um claro predomínio de pessoas não-pobres (93,5%), em relação aos pobres (6,5%).

Se detivermos, por último, nosso olhar para a geografia da adesão religiosa, podemos afirmar que na capital do país (Montevidéu) é mais perceptível a variação religiosa, já que apresenta percentuais de católicos menores ao nacional, enquanto que o interior urbano e, em maior medida, as

localidades pequenas e zonas rurais, são menos suscetíveis a esta variação, já que apresentam percentuais de católicos superiores ao nacional. Entretanto, se observarmos o percentual de pessoas que professam outro tipo de religiões consideradas “não-tradicionais”, se constata que é maior o percentual deste tipo de fiéis em Montevidéu que no interior urbano, e ainda maior em relação às localidades pequenas e zonas rurais.

Quadro N° 10 – Definição Religiosa segundo Região, Ano 2007

RELIGIÃO	REGIÃO					
	Montevidéu		Interior de 5000 habitantes e mais		Localidades pequenas e zonas rurais	
	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	Frequência
Católico	43,4%	526.616	45,3%	631.161	50,3%	193.796
Cristão não-católico	9,2%	111.704	12,0%	167.104	9,6%	36.913
Judeu	0,9%	11.030	0,1%	701	0,1%	208
Umbandista ou outro afroamericano	1,0%	11.788	0,5%	7.598	0,1%	371
Crente em Deus sem confissão	24,0%	290.644	30,1%	420.146	31,4%	120.947
Ateu ou agnóstico	21,0%	254.738	11,8%	164.464	8,5%	32.914
Outro	0,6%	6.851	0,2%	3.444	0,1%	461
Total	100,0%	1.213.371	100,0%	1.394.618	100,0%	385.610

Fonte: Banco de Dados da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República/Uruguai - Pesquisa Contínua de Domicílios do Instituto Nacional de Estatística 2007, Uruguai.

No quadro nº10 também é possível constatar que o maior percentual de praticantes da religião Umbandista ou outras de tipo afroamericano se concentra em Montevideu (1%), diminuindo no interior urbano (0,5%) e caindo mais nas localidades pequenas e zonas rurais (0,1%). Estes dados nos motivam a indagar sobre as causas que determinam porque a capital seja mais suscetível à presença da religião afro que o interior urbano e as zonas rurais no Uruguai.

Com o quadro nº10 é possível afirmar que o maior percentual de ateus ou agnósticos se concentra na capital do país (21%), amplamente superior à porcentagem nacional (15,1%), enquanto que dentro da população do interior urbano, somente 11,8% se definem como ateus ou agnósticos, e dentro das localidades pequenas e zonas rurais, somente 8,5% da população se definem como ateus.

Um último dado que se desprende do quadro nº10, e que motiva o interesse sociológico, é o percentual de cristãos não-católicos, que é levemente superior no interior urbano do país (12%) que no resto das regiões. Logo, averiguamos as possíveis causas

da maior concentração de cristãos não-católicos no interior urbano.

CONCLUSÕES

Como conclusões, podemos afirmar que a sociedade uruguia experimenta uma transformação religiosa associada à emergência de religiões afrobrasileiras e cristãs não-católicas, e que tal fenômeno guarda uma relação com as mudanças sofridas na esfera econômica.

Vale assinalar que há uma segmentação no interior de cada uma das religiões. As religiões afroamericanas e cristãs não-católicas congregam as pessoas desfavorecidas economicamente e os menos escolarizados. Contrariamente, as religiões judia e católica possuem um alto percentual de pessoas não-pobres e mais escolarizadas.

Podemos afirmar também que a presença de religiões afrobrasileiras é muito mais forte na capital do país, que no interior. Também a presença de ateus é mais pronunciada na capital que no interior.

Por outro lado, ocorre o inverso com a presença católica: é mais forte no interior que na capital.

Tradução: Carlos E. P. Procópio
Revisão: Wagner Silveira Rezende

Abstract

This article reflects on the relation between religion and poverty in Uruguay. Through the analysis of quantitative data, we will try to clarify the links between the various systems of beliefs and the poverty of the population. Our focus of interest will also characterize the current environment of religious transformation marked by the emergence of new religious movements (Pentecostal and Afro-Brazilian religion) - and the Catholic Church's position against this new scenario.

Key words: Religion, poverty, new religious movements

BIBLIOGRAFÍA

BASTIAN, Jean-Pierre. La mutación religiosa de América Latina. Ciudad de México: FCE, 1997.

BAYCE, Rafael. Uruguay hoy: la explicable explosión de religiones y sectas. Cuadernos de Marcha, Montevideo, N° 68, 1992.

CAETANO, Gerardo. Secularización, privatización de lo religioso y religión civil. Asuntos teóricos a debatir a propósito del caso uruguayo. In: DA COSTA, Néstor; DELECROIX, Vincent; DIANTEILL, Erwan (Orgs.). Interpretar la modernidad religiosa: teorías, conceptos y métodos en América Latina y Europa. Montevideo: CLAEH, Red Puertas América Latina – Europa, 2007.

DA COSTA, Néstor. El Catolicismo en una sociedad secularizada: el caso uruguayo. Ciencias Sociales y Religión, Porto Alegre, año 1, n°1, p. 131-141, set. 1999.

_____. Religión y sociedad en el Uruguay de comienzos del s. XXI. Un estudio de la religiosidad en Montevideo. Tesis Doctoral. Montevideo, 2003.

DURKHEIM, Emile. El suicidio. Buenos Aires: Shapire, 1897/1971.

DURKHEIM, Emile. Las formas elementales de la vida religiosa. Madrid: Alianza, 1912/1993.

FILARDO, Verónica (comp.) Religiones alternativas en el Uruguay. Montevideo: Facultad de Ciencias Sociales/Universidad de la República Oriental del Uruguay, 2005.

FLEET, Michael. Religion in Latin America, 2001.

FRASER, Nancy y Honneth, Axel. ¿Redistribución o reconocimiento? Un debate político-filosófico. Madrid: Ediciones Morata y Fundación Paideia Galiza, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE), Uruguay. Bases de datos de la Encuesta Continua de Hogares Ampliada 2006 y 2007.

KLIKSBERG, Bernardo. El impacto de las religiones sobre la agenda social actual. en *Cuadernos del Claeh* (Montevideo) N° 88, julio, 2004

MALLIMACCI, Fortunato "Diversidad católica en una sociedad globalizada y excluyente. Una mirada al fin del milenio en Argentina" en *Sociedad y Religión* (Buenos Aires) N°14/15, 1996.

MARX, Karl. La cuestión judía. In: Escritos de juventud, México: FCE, 1844/1987.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: Dinheiro e magia. In: ROMERO GORSKI, Sonia (Comp.). Antropología social y cultural en Uruguay 2002 – 2003. Montevideo: Nordan Comunidad, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2003

PI HUGARTE, Renzo. Los cultos de posesión en el Uruguay. Antropología e historia. Montevideo: Banda Oriental, 1998.

RAMÍREZ CALZADILLA, Jorge. Efectos de la globalización en el campo religioso latinoamericano y cubano. In: Análisis de la Realidad Actual, Centro de Estudios del Consejo de Iglesias de Cuba, 2003.

WEBER, Max. Sociología de la religión (Madrid: ISTMO). 1997 (1921)

ZALPA, Genaro. Las Iglesias en Aguascalientes. Panorama de la diversidad religiosa en el estado. México: CIEMA, Universidad Autónoma de Aguascalientes, El Colegio de Michoacán, A.C, 2003.

NOTAS

¹ Filardo, Verónica (coord.) “ Religiones Alternativas em Uruguai” (2005). Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de La Republica.

² Pesquisa Contínua de Domicílios (N.T).